

# Crime e Castigo



Dostoievski

# Crime e Castigo

Título original: *Prestuplenie i nakazanie*

© 2015 Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Tradução: Joaquim Leite

Revisão: Civilização Editora

Design gráfico e ilustrações: Pedro Aires Pinto

Pré-impressão, impressão e acabamentos: CEM Artes Gráficas

1.ª edição em janeiro de 2015

ISBN 978-972-26-3648-3

Depósito Legal 386556/15

**Civilização Editora**

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27

4050-023 Porto

Tel. 226 050 900

geral@civilizacaoeditora.pt

www.civilizacao.pt



## **PRIMEIRA PARTE**



## CAPÍTULO I

Era em princípios de julho, numa tarde de calor intenso. Um jovem saiu da sua mansarda, situada mesmo junto do telhado de um prédio de cinco andares, na ruela de S... e, lenta e hesitantemente, tomou a direção da ponte de K...

Por sorte, não se encontrara nas escadas com a sua hospedeira. Esta residia no andar imediatamente inferior e, como a porta da cozinha dava para o patamar e estava, habitualmente, aberta, sempre que o jovem tinha de sair para a rua experimentava uma vaga sensação de temor mórbido, o que para ele constituía motivo de humilhação e de vergonha. Já lhe devia bastantes mensalidades, e por isso receava encontrá-la pela frente.

Não quer isto dizer que ele fosse cobarde ou um vencido da vida, pelo contrário; mas havia algum tempo que andava num estado de irritação e de constante nervosismo, muito próximo da hipocondria. Habituará-se a uma existência tão retraída e solitária, que acabara por recear não só encontrar-se com a hospedeira, mas qualquer contacto com os seus semelhantes. A miséria em que vivia tê-lo-ia torturado noutros tempos; ultimamente, porém, até a própria pobreza deixara de lhe causar qualquer sofrimento. Abandonara por completo as suas ocupações quotidianas, todo o trabalho...

No fundo, estava a rir-se da sua hospedeira e das intenções que ela pudesse ter a seu respeito; mas parar nas escadas para ouvir as suas tolices e ditos soezes, todas as suas recriminações, as suas queixas e ameaças, a que tinha de responder com subterfúgios, desculpas, mentiras... isso repugnava-lhe. Não, era preferível deslizar como um gato pelas escadas e eclipsar-se sem que o vissem.

Naquele dia, de resto, quando se viu na rua até se admirou do receio que tivera de encontrar a credora.

“Porque me atrapalho tanto com uma coisa assim insignificante quando me proponho levar a cabo uma ação tão arrojada!”, pensava

com um sorriso singular. “Hum... Sim, é isso. O homem tem tudo ao seu alcance, tudo lhe vai parar às mãos; mas o medo... É evidente... E, coisa curiosa, que é que nós mais receamos? Aquilo que nos faz sair dos nossos hábitos, creio eu... Mas estou para aqui a divagar, e por isso é que nada faço, ou talvez por nada fazer é que me ponho a divagar. Há um mês que me habituei a falar só, encolhido a um canto durante dias inteiros, a pensar apenas em disparates. Mas, afinal, em que me vou eu meter? Serei capaz ‘disto’? ‘Isto’ será, pelo menos, sério? Não, de modo nenhum. Trata-se simplesmente de um jogo da minha imaginação, de uma fantasia que me diverte. Um jogo! Sim, é mesmo isso, um jogo!”

Nas ruas sentia-se um calor asfíxiante. A multidão, os ditos grosseiros, os tijolos, os andaimes e esse mau cheiro especial, tão conhecido do habitante de Sampetersburgo que não dispõe de meios para alugar uma casa de campo no verão, tudo isto junto contribuía para irritar mais e mais os nervos já excitados do rapaz. O cheiro pestilencial das tabernas, muito frequentes nesta zona da cidade, e os ébrios que a cada momento ele encontrava, conquanto fosse dia de trabalho, completavam o repugnante colorido do quadro. As delicadas feições do jovem denunciaram, por instantes, uma impressão de profunda náusea. Diga-se de passagem que o rapaz não era destituído de atractivos pessoais: de estatura mais que regular, delgado, elegante, tinha belos olhos e cabelos castanhos. A breve trecho, recaiu numa melancolia profunda, numa espécie de torpor intelectual. Caminhava alheio a tudo, ou, melhor dizendo, sem querer reparar em coisa alguma.

De longe em longe, porém, murmurava algumas palavras indistintas, pois havia algum tempo que tinha a mania de falar só; dava conta de que as ideias se lhe emaranhavam e que estava extremamente fraco, porque nos últimos dois dias quase não comera.

Andava tão esfarrapado, que qualquer outro, mesmo habituado a isso, se envergonharia de exhibir em pleno dia semelhantes andrajos. É certo que no bairro que ele habitava tal indumentária era vulgar. As proximidades do Mercado do Feno, a abundância de estabelecimentos populares e, sobretudo, a população – constituída, na sua maior parte, por operários e artífices – que se aglomera nessas ruas e vielas centrais de Sampetersburgo davam, por vezes, ao panorama geral tal matiz, que o vestuário mais singular não causava a menor estranheza. De resto, havia um tal desprezo recalcado na alma do infeliz rapaz, que,



apesar do seu orgulho natural, por vezes demasiado ingénuo, não se envergonhava de passear pelas ruas os seus farrapos. O caso seria diferente se encontrasse pessoas conhecidas, ou qualquer antigo companheiro, cuja proximidade em geral evitava... Entretanto fê-lo deter-se a voz de um ébrio que era transportado numa carroça, não se sabe porquê nem para onde, puxada por dois grandes cavalos, o qual gritou a plenos pulmões, apontando para ele:

– Olá, chapeleiro alemão!

Com um gesto nervoso, o jovem tirou o chapéu e pôs-se a mirá-lo. Tratava-se de um feltro de copa alta, à Zimmermann, mas já com muito uso, meio avermelhado, com inúmeras nódoas e buracos, sem abas, um chapéu pavoroso, enfim. No entanto, não foi vergonha, mas antes um sentimento completamente diverso, muito parecido com o medo, aquilo que experimentou.

– Eu já previa isto – murmurou, mortificado. – Era, realmente, o pior que me podia suceder! Um nada, a circunstância mais insignificante, pode deitar a perder qualquer negócio! Efetivamente, o chapéu dá muito nas vistas, e isto por se encontrar em estado tão ridículo. Com a vestimenta que levo, o que me ficava bem era uma boina, mesmo velha; mas este traste, nunca. Ninguém usa uma coisa assim; vê-se de longe, nunca mais esquece... É absolutamente necessário agora chamar o menos possível a atenção sobre mim. As coisas mais insignificantes são às vezes as que têm maior importância e é geralmente devido a elas que a gente se perde, e para sempre...

Ainda não caminhara muito; conhecia mesmo ao certo a distância que o separava da sua morada: setecentos e trinta passos, nem mais nem menos. Contara-os quando o projeto tinha no seu espírito apenas a forma vaga de um sonho. Nessa época, nem mesmo supunha que tal ideia viesse a tomar corpo e a fixar-se.

A sua quimérica temeridade, simultaneamente sedutora e monstruosa, apenas servia para lhe excitar os nervos. Passara-se, porém, um mês, e ele começava a ver as coisas sob outro aspeto. Conquanto se lamentasse de pouca energia, da sua impotência e da sua indecisão, tinha-se, no entanto, habituado, a pouco e pouco, mau grado seu, a julgar possível a realidade dessa sonhada quimera, a despeito de não confiar ainda muito em si. Agora ia fazer um ensaio e, à medida que se aproximava do teatro das operações, maior era a sua emoção.

Com o coração oprimido, os membros rudemente agitados por um tremor nervoso, aproximou-se de um enorme prédio que dava, de um lado, para o canal e, do outro, para a rua... Esta enorme casa compreendia inúmeros compartimentos, habitados por criaturas de todas as espécies: alfaiates, serralheiros, cozinheiros, vários alemães, mulheres fáceis, pequenos empregados... Havia um vaivém contínuo de pessoas que entravam e saíam pelas portas e atravessavam os dois pátios. Três ou quatro porteiros faziam o serviço. Com grande satisfação, não encontrou nenhum. Transposto o limiar, galgou a escada da direita, acanhada e sombria como uma escada de serviço, cujas particularidades, familiares ao nosso herói, não eram para desprezar. Ali não havia o receio de olhos indiscretos.

“Se tenho agora tanto medo, que seria se viesse para ultimar o negócio?”, pensou ele involuntariamente, quando chegou ao quarto andar. Aí teve de se deter; alguns antigos soldados, transformados em carregadores, faziam a mudança da mobília de uma das divisões, que ele sabia ocupada por um alemão, funcionário público, e sua família. “Com a mudança deste, pode ser que a velha fique a ser a única moradora do andar durante algum tempo. Isso seria esplêndido, não há dúvida”, disse para consigo. E puxou o cordão da campainha, que soou gravemente, como se fosse de lata e não de bronze. É o toque peculiar das campainhas dos quartos modestos das casas deste género.

Esse pormenor esquecera-lhe, porém. Aquele som especial avivou-lhe, certamente, quaisquer velhas recordações, pois teve um estremecimento. Sentia os nervos numa grande lassidão. Um momento depois, entreabriu-se a porta e pela estreita fenda a dona da casa espreitou o recém-chegado com manifesta desconfiança, deixando apenas ver os seus olhos que brilhavam na escuridão. Todavia, sentindo muita gente no patamar, ganhou coragem e abriu-a para trás. O rapaz entrou para uma saleta escura, dividida por um tabique que a separava de uma pequena cozinha. A velha achava-se de pé diante dele, interrogando-o com o olhar, sem dizer palavra. Tinha à volta de sessenta anos, era baixa e magra, nariz recurvo e olhar malicioso. Na cabeça descoberta, os cabelos, de um louro amortecido e revoltos, estavam untados de azeite. Trazia em volta do comprido e magro pescoço, que lembrava uma perna de galinha, um farrapo de lã. Apesar do calor, pendia-lhe dos ombros uma capa de peles, coçada e amarela. Tossia e soltava gemidos constantemente. Decerto o jovem fitou nela

um olhar estranho, pois no seu rosto voltou a notar-se a expressão de desconfiança do primeiro momento.

– Raskolnikoff, estudante. Já aqui vim há um mês – apressou-se a informar o visitante, com uma mesura, pensando que era conveniente mostrar-se amável.

– Recordo-me, meu amigo, recordo-me perfeitamente – respondeu a velha, sem despregar do rapaz os olhos desconfiados.

– Pois muito bem... Venho agora para um negócio do mesmo género – continuou Raskolnikoff, perturbado, mau grado seu, pela desconfiança que inspirava.

“Afinal, talvez isto seja feitiço dela”, pensou, desagradavelmente impressionado. “Mas da outra vez não o notei.”

A velha guardou silêncio por algum tempo, parecia refletir... De súbito, indicou a porta do quarto e afastou-se para dar passagem a Raskolnikoff.

– Entre, meu amigo.

O acanhado compartimento para onde o rapaz passou era forrado a papel amarelo; pelas janelas, com cortinas de cassa e os vãos guardados de gerânios, entrava a luz do Sol, quase no ocaso, iluminando escassamente o aposento. “Nesse dia também o Sol brilhará assim!...”, pensou o estudante, fazendo uma rápida inspeção em volta, como se quisesse gravar na memória o mínimo pormenor.

Contudo, não havia ali nada de particular. A mobília, de uma madeira amarelada, era muito velha: um canapé derreado, tendo defronte uma mesa oval, um pequeno tremó com espelho encostado à parede, algumas cadeiras, umas insignificantes gravuras representando raparigas alemãs com aves nas mãos, e nada mais. Num canto, diante de uma pequena imagem, ardia uma lamparina. Mobília e soalho resplandeciam de asseio.

“Anda aqui, forçosamente, a mão da Isabel”, pensou o rapaz. (Não se via um grão de pó em todo o aposento.) “É preciso vir a casa destas viúvas velhas e rabugentas para ver uma limpeza assim”, refletia ele, reparando com curiosidade no cortinado de chita que ocultava a porta de comunicação com um outro quarto onde ele nunca entrara e no qual se encontravam o leito e a cómoda da velha. A casa compunha-se dessas duas divisões.

– Que quer então? – interrogou secamente a velha, que, depois de ter seguido o visitante, se colocou em frente dele, de pé, para lhe ver bem o rosto.

– Trago um objeto para penhorar.

E tirou do bolso um velho relógio de prata com um globo gravado na tampa. A corrente era de aço.

– Está muito bem. Mas lembre-se de que já terminou há três dias o prazo do outro empréstimo, e ainda me não reembolsou da sua importância.

– Pago-lhe agora os juros de mais um mês. Tenha paciência.

– Posso esperar, ou vender imediatamente o seu penhor, conforme me aprover.

– E quanto me dá pelo relógio, Alena Ivanovna?

– Mas isso não presta, menino. Não vale nada. Já da outra vez lhe emprestei “dois papelinhos” sobre o anel, podendo-se comprar um novo, no ourives, por rublo e meio.

– Dê-me quatro rublos, que eu levanto-o brevemente. Era de meu pai. Devo receber dinheiro daqui a pouco tempo e...

– Rublo e meio, descontando já o juro.

– Rublo e meio! – exclamou o jovem.

– É se quer!

E a velha devolveu-lhe o relógio. Raskolnikoff pegou nele, irritado, e ia retirar-se quando refletiu que a usurária era o seu único recurso. Além disso, mais alguma coisa o trouxera ali.

– Vamos, deixe lá ver o dinheiro – disse ele, com modo sacudido.

A velha remexeu na algibeira, procurando as chaves, e passou ao outro compartimento, por trás da cortina. Só, no meio da casa, o estudante pôs-se a escutar atentamente. Ouviu a avarenta abrir o móvel. “Deve ser a gaveta de cima”, calculou ele. “Traz as chaves na algibeira direita... todas numa argola de aço... Uma delas, muito maior que as outras e dentada, não é certamente a do móvel. Quer dizer que ainda deve haver uma arca ou caixa-forte. É singular! As chaves dos cofres de ferro têm geralmente este feitio... Mas afinal, como tudo isto é infame!...”

A velha voltou.

– Aqui tem, meu amigo; se eu levar uma *grivna* por mês e por rublo, de rublo e meio hei de deduzir quinze copeques, porque o juro é pago adiantadamente. Depois, como pede que lhe espere ainda um mês pelo pagamento dos dois rublos que lhe emprestei, fica-me a dever por essa transação vinte copeques, o que perfaz o total de trinta e cinco. Tem, pois, a receber sobre o seu relógio um rublo e quinze copeques. Tome lá...

– Como? Então não me dá mais que isto?

– Nada mais tem a receber.

Sem fazer a menor objeção, o rapaz pegou no dinheiro e ficou a olhar para a velha, sem pressa de se retirar. Parecia querer dizer ou fazer alguma coisa, mas nem ele próprio sabia bem o quê.

– É provável, Alena Ivanovna, que brevemente lhe traga um outro objeto... uma cigarreira de prata muito bonita... Emprestei-a a um amigo... Quando ele me devolver...

Pronunciou estas palavras com ar comprometido.

– Bem; nessa altura falaremos, meu amigo.

– Então adeus... Vive só? Sua irmã não quer fazer-lhe companhia? – perguntou no tom mais indiferente possível, no momento em que passava para a antecâmara.

– E que lhe importa isso?

– Nada... Perguntei por perguntar. E a senhora... Adeus, Alena Ivanovna.

Raskolnikoff saiu com a alma a trasbordar de perturbação, que aumentava cada vez mais. Ao descer as escadas, parou diversas vezes, como se qualquer coisa o preocupasse de repente. Por fim, já na rua, murmurou:

– Como tudo isto é repugnante, meu Deus! Será possível que eu...? Não; é uma loucura, um absurdo! – acrescentou em tom decidido. – Como pude lembrar-me de uma coisa tão monstruosa? De que infâmia eu sou capaz! No fundo, tudo isto é ignóbil, odioso, repugnante! E pude transformar-me assim num mês...

Mas nem palavras, nem exclamações eram suficientes para exprimir a agitação de que estava possuído. A sensação de repugnância profunda, que já o oprimira quando se dirigia para a casa da velha, tornava-se agora insuportável; ele não sabia como escapar-se ao suplício que o torturava. Seguiu pelo passeio, cambaleando como um ébrio; chocava com os transeuntes e não via ninguém. Na rua imediata serenou um pouco. Olhando em redor, viu uma taberna; uma escada que descia do passeio dava acesso ao subterrâneo, onde era o estabelecimento. Raskolnikoff viu que saíam dali dois bêbados, amparando-se um ao outro e injuriando-se mutuamente.

Sem hesitar, desceu a escada. Nunca entrara numa taberna, mas naquele momento a cabeça andava-lhe à roda, sentia uma sede horrível, e mesmo fome. Depois de abancar a um canto sombrio, diante de uma mesa engordurada, pediu cerveja e bebeu o primeiro copo de um trago.

Experimentou logo um grande alívio. O espírito esclareceu-se-lhe.

“Tudo isto é absurdo”, pensou ele, confortado “e realmente não havia motivo para me assustar. Era simplesmente um incómodo passageiro! Um copo de cerveja, um pedaço de bolacha, eis o bastante para fortalecer o espírito, aclarar o pensamento e reaver a energia! Oh! Como tudo isto é humilhante!” Apesar desta conclusão desesperadora, a sua aparência era já alegre, como se, de súbito, o tivessem aliviado dum grande peso, e olhava amigavelmente para os circunstantes. Mas, muito no íntimo, ele pressentia, de modo vago, que aquela animação e aquele assomo de esperança eram passageiros e fictícios.

Estava pouco concorrida a taberna. Depois dos dois ébrios, saiu um grupo de cinco músicos, com uma rapariga e um acordeão, reinando, em seguida, o silêncio. No estabelecimento só ficou um sujeito ligeiramente embriagado, com todos os indícios denunciadores de origem burguesa, sentado em frente de uma garrafa de cerveja, e um homenzarrão de barba branca e com um sobretudo vestido, que dormitava em cima de um banco, bêbado de todo. Este, de quando em quando, despertava, sobressaltado, espreguiçava-se, dava estalidos com os dedos e entoava uma canção sem nexos, cujo seguimento parecia procurar na baralhada memória:

*Durante um ano amimei minha mulher,  
Du... rante sim ano a... mi... mei minha mulher...*

Ou então:

*Na Podiatcheskaia  
Encontrei a minha amiga...*

Mais ninguém parecia partilhar da alegria do melômano. O seu soturno companheiro escutava, silencioso, com olhos hostis e desconfiados.

Encontrava-se, ainda, na taberna uma terceira pessoa que dava a ideia de um funcionário público aposentado. Sozinho a uma mesa, com o copo na sua frente, ia bebendo aos poucos e de vez em quando lançava os olhos pela sala. Parecia também possuído de certa agitação.